

O IMPACTO DA CRIAÇÃO DE UM GRUPO DE PESQUISA EM UMA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO NEPAG NO COLÉGIO PEDRO II

Yan Navarro da Fonseca Paixão

Recibido: noviembre 2014

Aceptado: diciembre 2014

RESUMEN:

Las investigaciones que se realizan sobre la enseñanza básica casi siempre son realizadas desde las universidades. En esos estudios las prácticas de los alumnos y profesores son analizadas de diversas maneras, pero muchas veces solamente con observaciones y análisis. Debemos reflexionar sobre este tipo de investigación y proponer nuevas maneras de investigar y pensar las indagaciones en las escuelas. El objetivo de este trabajo es analizar la presencia de un grupo de investigación en una escuela de educación básica a partir de la creación del Centro de Estudios e Investigaciones Audiovisuales en Geografía - NEPAG, y el impacto de su creación en el Colegio Pedro II Campus Realengo II, en los alumnos y en la comunidad escolar de esta institución.

PALABRAS CLAVE:

Colaboración, nuevas tecnologías, didáctica de la Geografía.

ABSTRACT:

The research being done about basic education are almost always conducted since universities. In those studies, the practices of students and teachers are analyzed in

Profesor del Colégio Pedro II y doctorando en Geografía en la Universidade do Estado do Rio de Janeiro y en la Universidad de Valencia. E-mail: yannavarro@gmail.com

different ways but many times only with observations and analysis. We must think about this type of research and suggest new ways to investigate and thinking inquiries in schools. The objective of this work is to analyze the presence of a research group in a basic school after the creation of the Center for Studies and Research in Geography Audiovisual - NEPAG, and the impact of its creation in the campus Realengo II of the Pedro II, for the students and school community and in this traditional institution.

KEY WORDS:

Collaboration, new technologies, teaching of geography.

RÉSUMÉ:

Les recherches sur l'éducation de base sont, dans la plupart des cas, faite par les universités. Dans ces études, les pratiques des élèves et les enseignants sont analysés de différentes façons, mais souvent seulement avec les observations et l'analyse. Nous devrions réfléchir sur ce type de recherche et proposer nouvelles façons d'intégrer la recherche dans les écoles. Cet article analyse la présence d'un groupe de recherche dans une école de l'éducation de base. Le développement de l'article raconte la création du Centre de recherche de l'audiovisuel en géographie (NEPAG), et l'impact de son création au Collège Pedro II - Campus Realengo II et dans la communauté scolaire de cette institution.

MOTS-CLÉS:

Collaboration, nouvelles Technologies, enseignement de la géographie.

1. INTRODUÇÃO

Os grupos de pesquisa fazem parte da estrutura da maioria dos departamentos das universidades brasileiras. Percorrendo os corredores destas instituições podemos notar a presença destes grupos, também chamados comumente de núcleos de pesquisas, laboratórios de pesquisa e de núcleos de estudos, que normalmente correspondem a uma sigla presente em uma placa na porta da sala onde se localiza. Estão presentes também em institutos de pesquisa científica, institutos tecnológicos e instituições isoladas de Ensino Superior de acordo com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.¹

O CNPq não cita escolas de Ensino Básico, pois não havia nenhum caso no Brasil, até o Censo realizado em seu Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil de 2010, da presença de Grupos de Pesquisas nesse tipo de instituição. Os Grupos de Pesquisas que trabalham

¹ <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/como-os-dados-sao-obtidos/> última visita em 10/08/2014

temas relacionados à educação básica estavam atrelados às universidades e não às escolas. Atualmente já encontramos Grupos de Pesquisa em algumas escolas de Ensino Básico cadastradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, mas não podemos precisar exatamente esses grupos, pois os últimos dados divulgados são os do Censo de 2010, podemos apenas consultar as instituições atualmente cadastradas e o número de grupos a elas atrelados.

De acordo com o –CNPq, um Grupo de Pesquisa é um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente cujos fundamentos organizadores são a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; em que há envolvimento profissional e permanente com atividades de pesquisa; no qual o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos. Cada grupo de pesquisa deve, portanto, organizar-se em torno de uma liderança (eventualmente duas), e estar “abrigado” em uma instituição previamente autorizada pelo CNPq. Na quase totalidade dos casos, esses grupos se compõem do pesquisador e de seus estudantes.

O presente artigo busca analisar a presença de um grupo de pesquisa em uma escola de Ensino Básico a partir da criação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia – NEPAG, e o impacto de sua criação no Colégio Pedro II Campus Realengo II e na comunidade escolar desta instituição.

2. A CRIAÇÃO DE UM NÚCLEO DE ESTUDOS EM UMA ESCOLA

2.1. O surgimento do NEPAG

O Colégio Pedro II é uma instituição fundada em 1837 com uma metodologia de ensino ainda bastante tradicional. Porém, durante a convivência e conversas com os alunos, começamos a perceber que as aulas em formato mais tradicional, com o uso apenas de recursos como o quadro, livros e até mesmo suportes tecnológicos – que muitas vezes são usados para reproduzir os mesmos modelos escolares estando presentes para imprimir uma aparência modernizadora a antigas práticas gerando uma “modernização conservadora” na escola – não estava nos levando a um resultado satisfatório em termos de aprendizagem, não em relação à avaliação quantitativa, mas sim em relação a um processo de ensino-aprendizagem onde o aluno fosse parte do processo, e não apenas um receptor de conteúdos. Cabral (2012, p. 203) nos alerta que a relação entre a tecnologia com o processo educacional “corre o risco de repetir a pedagogia tradicional (apenas “modernizando-a” tecnicamente) se não puser em primeiro plano o pretexto histórico oferecido pela tecnologia para a reinvenção das práticas pedagógicas”.

O NEPAG surge, portanto, em um contexto escolar bastante tradicional para tentar responder e superar os pontos levantados anteriormente que estão cada vez mais

presentes na escola e sua criação está relacionada ao meu projeto de dedicação exclusiva, que inicialmente tinha como objetivo a produção colaborativa de filmes com os alunos. Todos os professores que possuem o regime de trabalho em dedicação exclusiva no Colégio Pedro II necessitam de um projeto. Esse projeto é uma exigência de acordo com a Portaria N° 340 de 03 de março de 2008², que regulamenta as atividades docentes que dão cumprimento ao Regime de Trabalho de Dedicação Exclusiva no âmbito do Colégio Pedro II.

O trabalho com filmes no ambiente escolar normalmente se resume à sua exibição completa ou apenas trechos que complementam as aulas, porém acredito que a criação de pequenos filmes pode agregar muito em termos pedagógicos. Para conduzir esse trabalho busquei as ideias de BERGALA (2007), principalmente as que se referem à importância da criação como elemento pedagógico fundamental para o desenvolvimento crítico do aluno.

Os primeiros passos para a criação do NEPAG acontecem em 2010, ano em que iniciei o trabalho como professor de Geografia da instituição. Utilizando a temática dos recursos hídricos no Brasil, na qual trabalhamos em sala de aula, fizemos uma atividade interdisciplinar com os professores de Informática Educativa e propusemos para os alunos 7° ano do Ensino Fundamental a produção de vídeos em duplas. Foi o primeiro contato deles com a produção audiovisual.

Em 2011 surge a necessidade de se trabalhar com os alunos do 8° ano aspectos relacionados às africanidades. A partir das discussões realizadas no Departamento de Geografia sobre a Lei 10.639, de 09/01/2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, a equipe de Geografia do *Campus Realengo II* pensou em como poderíamos inserir os alunos nessa discussão com novas estratégias pedagógicas. Fizemos um planejamento para estudar essas questões que incluía um trabalho de campo para o Quilombo³ São José, no município de Valença, interior do Rio de Janeiro. Após trabalharmos inicialmente com a temática quilombola em sala de aula, aos alunos foi solicitado que filmassem e fotografassem durante o trabalho de campo aspectos que eles julgassem interessantes no quilombo.

² A Portaria pode ser consultado no link http://www.cp2.g12.br/images/pdf/proen/portarias/2008/Portaria_340_Regulamentacao_DE.pdf

³ De acordo com o Decreto n° 4.887 de 2003 do governo federal consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Esse material produzido por eles foi recolhido e selecionado por um grupo de 16 alunos que aceitou o desafio de aprofundar ainda mais os estudos relacionados tanto aos aspectos do quilombo quanto da produção audiovisual com o objetivo de produzir um documentário sobre o nosso trabalho de campo de maneira colaborativa.

Cada aluno atuou onde achou mais adequado: roteiro, narração, escolha da trilha sonora, realização das entrevistas, fotografia e edição. Bergala (2007) ressalta a importância da experiência individual de cada aluno, em algum momento, nesse processo pedagógico. Esta oportunidade individual pode gerar autoconfiança nos alunos, e revelar habilidades até então desconhecidas, tanto para si, quanto para o grupo. E foi exatamente isso que encontramos ao final do projeto. Os alunos surpreenderam pela capacidade de formular e propor questões que foram introduzidas no documentário como, por exemplo, a questão da educação dentro do Quilombo São José e a preservação da cultura quilombola naquele espaço. A facilidade com que esses alunos – que em média possuíam 13 anos de idade – utilizam a tecnologia também nos surpreendeu e nos mostrou que a análise de Capel (2009) sobre essas temáticas justifica esse trabalho voltado ao uso das TIC's.

Segundo Capel (2009), devemos buscar novas estratégias para incentivar os estudantes que atualmente frequentam as escolas. Os nascidos após o início da década de 1990 são os chamados nativos digitais. Eles, ao contrário dos imigrantes digitais, estão acostumados a utilizar a internet tanto nos computadores, quanto nos smartphones, e os utilizam com destreza tanto para trabalhos escolares quanto para suas relações sociais. Pires (2010) acentua que “no período atual de hegemonia e consolidação do trabalho imaterial, torna-se crucial a alteração do paradigma educacional, a migração digital dos modelos de educação e interação está se tornando um imperativo”.⁴

Capel (2009) nos mostra ainda que com a disseminação da internet a comunicação científica e a própria atividade científica está mudando, inclusive com a disseminação de redes colaborativas. Pires (2010) ressalta que “é muito comum o uso de redes sociais colaborativas e de Blogs para construção de ambientes de interação, mobilização e cooperação. As redes sociais colaborativas em plataforma online que permitem a criação de ambientes virtuais de aprendizagem possibilitam a professores de vários países a utilização de tecnologias de groupware mescladas com mídias online como: Youtube, Slideshare, Slideboom”.

⁴ O Geoforo Ibero-americano 20 faz uma referência a esse tipo de trabalho que pode ser lida no link: <http://geoforoforo2.blogspot.com.es/2014/11/foro-20-las-tic-y-la-ensenanza.html#comment-form>

Quando iniciamos o projeto do NEPAG, em junho de 2011, fizemos reuniões presenciais inicialmente com o objetivo de selecionarmos juntos as melhores imagens e iniciarmos a construção colaborativa de um roteiro a partir de leituras específicas sobre roteiros de documentários. Como todos os alunos membros possuíam uma conta no Facebook, criamos uma conta nesta rede social para o NEPAG⁵ e dentro dela um grupo fechado onde os membros do núcleo podem continuar os debates iniciados presencialmente ou iniciar discussões propostas virtualmente.

No NEPAG o professor inicialmente foi muito importante para propor os textos e filmes que seriam debatidos tanto presencialmente quanto através do chat coletivo do Facebook. Porém notamos que conforme os alunos foram se aprofundando nos temas estudados e se adaptando ao uso das ferramentas disponíveis e às redes sociais, destacando o Facebook, eles mesmos passaram a buscar e postar textos, sites, filmes e propor atividades para o núcleo como idas ao cinema, a exposições e festivais. Esses fatores mostram que as estratégias utilizadas para a inserção dos alunos na produção colaborativa foi correta de acordo com a perspectiva de Murphy (2004) que adotamos.

De acordo com Murphy (2004, p. 425), para que ocorra efetivamente a colaboração em um ambiente como as redes sociais e a partir desse trabalho colaborativo se produza algum artefato compartilhado são necessários seis processos ou estágios: 1. Presença Social; 2. Articulação das perspectivas individuais; 3. Acomodar ou refletir as perspectivas dos outros; 4. Co-construção de perspectivas e significados compartilhados; 5. Construção de objetivos compartilhados e propósitos; e 6. A produção de artefatos compartilhados.

Conseguimos chegar à sexta etapa prevista pela autora, que é a construção de produtos criados de maneira compartilhada, no nosso caso o documentário “Uma Viagem ao Quilombo São José”, um curta-metragem de 23 minutos.

O filme e o projeto NEPAG obtiveram grande repercussão na comunidade escolar, assim como em eventos e festivais de cinema. O filme participou do 17º Festival Brasileiro de Cinema Universitário e da edição 2012 do Festival Brasileiro de filmes de Aventura, Turismo e Sustentabilidade. O projeto NEPAG participou da 3º Exposição de Ciência e Tecnologia e venceu a 1ª Feira de Ciência e Mostra Científica Estadual em Geodiversidade na categoria ensino fundamental e foi premiado no Prêmio Microsoft educadores inovadores na categoria Inovação em Colaboração e Aprendizagem Colaborativa. Além disso, o núcleo recebeu convites para apresentar o filme na II Semana da Cultura Afrobrasileira em Rio das Ostras, realizada pela Universidade Federal Fluminense Campus Rio das Ostras e na graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

⁵ Conferir em: <http://www.facebook.com/nepag>

Em 2012 ainda não havíamos sido reconhecidos institucionalmente, o que só veio ocorrer através da Portaria N° 2480 de 14 de março de 2014.⁶ Após a conclusão do primeiro projeto os alunos propuseram mudar a temática para o ambiente urbano, eles temiam que o NEPAG ficasse estigmatizado como um núcleo que estuda apenas africanidades ou questões rurais. Além disso, comecei a perceber que as potencialidades dos alunos membros estavam sendo subutilizadas produzindo apenas de filmes. Os alunos precisavam ser mais estimulados, mas como?

Passamos a trabalhar com a Narrativa Transmídia no ensino de Geografia, o que representa uma grande evolução técnica e pedagógica para o núcleo. Para tanto foi necessário um levantamento sobre o tema que ainda é pouco explorado academicamente no Brasil. A análise nos fez perceber que essas ferramentas poderiam ser muito úteis, pois nos permitiria abordar o mesmo tema em diversos enfoques como a produção de vídeos, de podcast, contos, fotos, artigos científicos e quadrinhos, aproveitando mais as potencialidades dos alunos membros.

Acreditamos que a diversidade de ferramentas permite que alunos de diferentes perfis possam escolher onde se sentem mais à vontade para atuar, ou seja, alunos mais tímidos podem se destacar escrevendo roteiros, contos ou atrás das câmeras, já os mais extrovertidos podem coordenar entrevistas, dirigir filmes ou coordenar ensaios fotográficos. O que vai de encontro às ideias de Setton (2010, p. 99) quando nos mostra que “Os percursos de investigação nos processos de formação educativa são singulares para cada indivíduo”. Na mesma linha podemos trazer à tona o que Pierre Levy (2002) chama de inteligência coletiva, que seria a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais e passa também pela disponibilização da memória, da imaginação e da experiência através de novas formas de organização flexíveis, proporcionando a troca de conhecimentos em tempo real.

2.2. A Narrativa Transmídia no ensino: um uso possível?

O uso da Narrativa transmídia no Brasil ainda é muito incipiente, principalmente no processo de ensino-aprendizagem. Ainda sim podemos encontrar uma base teórica já bastante desenvolvida sobre o tema em outros países.

Em 2001, Henry Jenkins define em seu artigo *Convergence? I Diverge* os conceitos *transmedia exploitation of branded properties*, como o comportamento transmídia das grandes conglomerações, e *transmedia storytelling*, como a convergência das mídias como promotora da narrativa transmídia no desenvolvimento de conteúdos através de múltiplas plataformas (Jenkins, 2001). Em seu livro, “Cultura da convergência”, Jenkins praticamente

⁶ Consultar em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/mar/image0036.pdf>

consolida a definição de narrativa transmídia (Jenkins, 2008, pp.123-124). Narrativa transmídia é uma grande história dividida em várias partes que são distribuídas entre diversas mídias, exatamente aquelas que melhor possam expressar a sua parte da história. Assim, todas as mídias e todas as partes da história são integradas, ainda que não precisamente do mesmo modo.

Segundo Nalin Sharda (2009, p.2) a potencialidade de trabalhar com narrativas transmídias reside na possibilidade de articular os conteúdos pedagógicos com atividades que já estão presentes no cotidiano dos estudantes, tal como o trabalho colaborativo, o compartilhamento de informações e a interação. Sendo assim, é possível inferir que o uso desses recursos abertos podem auxiliar os educadores no desenvolvimento de estratégias metodológicas capazes de melhor atender às demandas dos alunos, justamente por adaptarem-se ao seu contexto, considerando também os vários estágios de aprendizagem dos estudantes, suas particularidades e interesses. O que nos direciona para a ideia de Howard J. Pitler (2006), que considera que a tecnologia é mais útil quando usada como parte do enriquecimento educacional por meio da cooperação e do compartilhamento de ideias, imagens, vídeos, músicas, o que resulta em um aprendizado reflexivo.

Buscar novas maneiras de se ensinar não é uma novidade, a diferença são as ferramentas que podem ser utilizadas em cada momento de acordo com as tecnologias disponíveis. Nos tempos atuais, onde a tecnologia está cada vez mais presente na vida de todos, é natural que as TIC's sejam utilizadas para o mesmo propósito de tempos passados: melhorar o processo de ensino aprendizagem estimulando a curiosidade, criatividade e colaboração entre os alunos.

Portanto, ao unirmos a curiosidade dos alunos envolvidos no projeto com as ferramentas envolvidas em um projeto transmídia, acreditamos que a aprendizagem se torna mais interessante e significativa para os estudantes, já que eles mesmos estão desenvolvendo as pesquisas em diversos meios.

O tema do projeto no qual utilizamos a narrativa transmídia foi a mobilidade urbana na cidade do Rio de Janeiro. O “Projeto Transmídia Trânsito Carioca”, que venceu o Prêmio Mobilidade Urbana 2014 da Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro, abordou através de diversas ferramentas temas relacionados aos problemas enfrentadas diariamente pela população em seus deslocamentos e seus impactos na sociedade, no meio ambiente e nos indivíduos.

É importante analisarmos o impacto e as transformações geradas pela criação do NEPAG no Colégio Pedro II. Para tanto dividiremos nossa análise em 3 partes: o impacto na escola, nos alunos membros e não-membros e nas famílias dos alunos membros do grupo de pesquisa.

3. O IMPACTO DA CRIAÇÃO DE UM NÚCLEO DE PESQUISA COM A PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS EM UMA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO

3.1. O impacto na escola

A criação do NEPAG reverberou dentro e fora do Colégio Pedro II *campus* Realengo II de diversas maneiras. O Colégio Pedro II é dividido em 17 departamentos pedagógicos, sendo um deles o Departamento de Geografia. O Departamento de Geografia, através de sua chefia, deu total apoio à criação do NEPAG e também ao seu desenvolvimento. Os outros professores do departamento, depois de conhecerem o núcleo, ficaram estimulados a desenvolver projetos semelhantes e me solicitaram por diversas vezes ajuda para o desenvolvimento pedagógico de seus próprios projetos, obter apoio em editais de fomento, para a realização de trabalhos de campo e no uso de algumas tecnologias audiovisuais.

O trabalho realizado pelo NEPAG incentivou o desenvolvimento de novos projetos pelos outros professores, mas ao mesmo tempo aumentou a cobrança sobre eles, pois se um professor pode desenvolver um grupo de pesquisa em um *campus* com menos de 10 anos de existência na área mais pobre da cidade, a Zona Oeste, por que não os outros professores em *campus* mais tradicionais, alguns localizados em áreas nobres da cidade?

Nas reuniões do Departamento de Geografia passou-se a refletir sobre a criação de um grupo de pesquisa, com 3 linhas bem definidas: “O Colégio Pedro II e o currículo da disciplina escolar Geografia”; a “Revista Eletrônica” e a linha “Estudos das Práticas Pedagógicas”, onde seriam incluídas Mídia e Educação (NEPAG), Meio Ambiente, Materiais didáticos e programas pedagógicos. O desdobramento e o impacto no Departamento de Geografia foi, portanto, bastante positivo em termos pedagógicos.

Dentro do *campus* Realengo II houve inicialmente um estranhamento, pois poucos professores de fato transformavam seus projetos de dedicação exclusiva em atividades efetivamente realizadas. Mas desde o início a direção deu apoio cedendo salas de aula ou auditórios que não estavam sendo utilizadas para os encontros presenciais do NEPAG antes de possuímos nossa própria sala. Com o sucesso do projeto a direção passou a propor aos outros professores que estes criassem atividades pedagógicas extras, pois os alunos do *campus* Realengo II mostraram um grande interesse nesse tipo de atividades fora da sala de aula.

O NEPAG passou rapidamente a fazer parte da identidade da escola e a servir de exemplo de modelo de agregação entre os alunos, os professores, os pais e a direção. Analisaremos agora esse impacto para os alunos membros do NEPAG.

Um outro aspecto que cabe ser lembrado é em relação a reflexão que o NEPAG gerou na escola sobre o papel atual do professor em uma escola de Ensino Básico. De

acordo com Guimarães (2013, p. 221) as crianças que frequentam as escolas atualmente são formadas “no compasso vertiginoso dos artefatos midiáticos”. O que traz desafios para o modo dos professores se relacionarem com os alunos e com o conhecimento. Será que os professores ainda devem se comportar como detentor ou mensageiro da verdade? O NEPAG vem mostrando que não, e os outros professores, observando o sucesso do grupo, me procuram buscando ideias para se trabalhar colaborativamente e criativamente em diversas disciplinas.

O modelos que ainda encontramos nas escolas é o mesmo do século XIX, o que torna muito difícil fugir, por exemplo, de um trabalho com grupos homogêneos em termos de idade. Mas o NEPAG rompe com essa visão ao trabalhar com alunos do Ensino Fundamental e Médio no mesmo projeto. Esse modelo de educação existente claramente não atende às necessidades e aos interesses dos alunos. Guimarães (2013, p.222) afirma que vivemos em um contexto onde estamos expostos a muitas informações, textos, narrativas, imagens, informações e ruídos. O mundo em que vivemos “não se deixa apreender por análises fechadas e tampouco por fontes limitadas como vemos acontecer nas práticas pedagógicas escolares estruturadas marcadamente em torno da voz do professor, do texto didático e da transmissão de conteúdos”. O NEPAG busca o rompimento desse modelo, e iniciou uma reflexão que pode gerar uma mudança mais profunda no ensino do Colégio Pedro II.

3.2. O impacto nos alunos

Os alunos que aceitaram voluntariamente participar do NEPAG em 2011 quando estavam no 8º ano do Ensino Fundamental mostraram-se muito empenhados em estudar para produzir um documentário de forma colaborativa. A cada encontro, os laços entre esses alunos foram se fortalecendo e em pouco tempo eles, que eram de seis turmas diferentes, passaram a agir em equipe e a se perceber como grupo.

Para Cabral (2012, p. 17) “pelo pertencimento o grupo faz-se imanente ao indivíduo, enquanto este se reencontra no grupo. O indivíduo pertence ao grupo tanto quanto a si próprio, pois ser um ou outro depende, na verdade, dos limites que se estabelecem para a identidade.” A identidade que os alunos membros adquiriram no NEPAG passou a ser reconhecida pelos outros alunos do Colégio Pedro II que passaram a pressionar pela abertura de mais vagas. Em 2013 foi aberta uma seleção para novos membros e 31 alunos do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental se inscreveram no processo seletivo, dos quais dois foram escolhidos.

Além da formação de uma identidade enquanto grupo, é importante destacar que esta identidade está relacionada a uma enorme capacidade de colaboração entre os membros, que está de acordo com a busca de um novo paradigma para o ensino de Geografia.

Esse novo modelo que busca nas tecnologias da informação e comunicação formas criativas de se aprender e ensinar Geografia implica em novas formas de sociabilidade, que só fazem sentido em ambientes colaborativos. Para isso novas habilidades devem ser ensinadas aos alunos como: saber avaliar fontes de informação para uma pesquisa; ter capacidade de analisar criticamente conteúdos; e, sobretudo produzir seus próprios conteúdos principalmente de forma colaborativa. No NEPAG buscamos incentivar a participação e a criatividade dos membros, porém respeitando suas particularidades e habilidades. Isso é muito importante em relação aos alunos introvertidos.

A escola valoriza muito os alunos extrovertidos. Em reuniões de professores, como o conselho de classe, os alunos destacados positivamente normalmente são os que participam da aula verbalmente, ou seja, interagem com o professor durante as explicações, ou apresentam seus trabalhos individuais ou em grupo com desenvoltura. Já os alunos introvertidos quase não são lembrados positivamente, e muitas vezes são citados como apáticos, sem motivação e com dificuldades de trabalharem de forma coletiva.

Alguns estudos vêm destruindo esses mitos de que os quietos ou introvertidos são menos produtivos e percebidos como de “segunda classe” pelo grupo do qual faz parte, ou como sendo de menor importância do que os mais extrovertidos (Cain, 2013). Os alunos mais quietos que fazem parte do NEPAG aos poucos passaram a participar mais verbalmente, propondo atividades e dando opiniões durante as nossas reuniões e, lentamente, tiveram suas habilidades reconhecidas pelo grupo. Em três anos de trabalho percebemos que respeitando essas individualidades, esses alunos ganharam confiança através do estudo, das viagens e das atividades para aceitarem o desafio de, por exemplo, dirigir um documentário sobre os 10 anos de criação do *campus* Realengo II do Colégio Pedro II.⁷ Duas alunas que eram muito tímidas foram responsáveis por pensar no projeto do filme, roteirizar e filmar sempre buscando ajuda dos outros membros desde a concepção do roteiro até a edição.

Os alunos no NEPAG interagem em rede gerando, presencialmente ou através das redes sociais, um novo nível de interação numa rede descentralizada de relacionamentos, motivados a se organizar fora da sala de aula não apenas quando seus professores passam tarefas em grupo. O papel do professor centralizador dos debates e decisões do grupo de pesquisa passa a ser então o de um membro do grupo mais experiente, que também opina e conversa com os demais sem se colocar como superior. É importante deixar claro que um sistema descentralizado não é o mesmo que uma anarquia. Há regras e normas, embora não sejam impostas individualmente por ninguém. Em lugar disso, o poder é distribuído por todos (Brafman & Beckstrom, 2008). Esta ideia do poder distribuído, que

⁷ Para assistir ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=cmpW8RGMCPQ&feature=youtu.be>

estes dois autores se referem no livro “A Estrela-do-Mar e a Aranha”, é um bom ponto de partida para demonstrar que os grupos descentralizados, que buscam a colaboração entre seus membros, podem ser, em vários casos, bastante produtivos.

É relevante notar que o trabalho com a narrativa transmídia faz com que os alunos do NEPAG tenham contato com a produção de diversas mídias. Esse contato se dá de forma técnica – a produção do conteúdo em si – mas também em relação a uma reflexão sobre a escolha da mídia, uma análise crítica do alcance e do papel dessas mídias e nas possibilidades interpretativas que esse material didático que será produzido pode trazer.

3.3. O impacto para as famílias.

Em um projeto onde um grupo de pesquisa é formado dentro de uma escola e é composto por alunos do Ensino Médio e Fundamental a participação da família é indispensável por diversos fatores. O primeiro fator se refere à idade dos alunos membros, entre 13 e 17 anos, pois sendo menores de idade, apenas com a autorização dos pais eles podem permanecer na escola até mais tarde, viajar para apresentar os trabalhos realizados e sair da escola em trabalhos de campos. Para tanto são realizadas periodicamente reuniões com os responsáveis para mostrar o que temos produzido e nossos projetos futuros.

O segundo fator é o reconhecimento da família a uma nova institucionalidade escolar, ou seja, que além da direção e dos professores, existe um grupo de pesquisa que trabalha e estuda de forma colaborativa buscando novas maneiras de ensinar e aprender dentro da escola. É a partir desse reconhecimento que os laços de confiança entre as partes se fortalecem.

A presença nas festas de lançamento dos materiais que produzimos no NEPAG tornam-se um elemento motivacional importante para as famílias e para os alunos. Nessas festas podemos mostrar para a comunidade escolar nosso trabalho e receber dela o reconhecimento que fortalece os laços criados entre o grupo e essa comunidade.

As premiações que recebemos, assim como os eventos que participamos e o próprio reconhecimento da mídia acabam por mostrar aos pais que inicialmente estranhavam e desconfiavam de seus filhos que pediam para ficar até mais tarde ou chegar mais cedo à escola, que eles realmente estão estudando e produzindo de forma inovadora materiais didáticos em diferente mídias e plataformas que serão utilizados por alunos de diversas outras escolas, e que a parceria com eles é fundamental nesse processo.

Com todos esses fatores somados as famílias dos membros do NEPAG tornam-se mais atentas e presentes no ambiente escolar. A presença das famílias nas escolas é cada vez mais cobrada pela sociedade, pois sua ausência é, infelizmente, cada vez

mais sentida. O NEPAG assume abertamente essa parceria com os pais, que também podem colaborar conosco com ideias e dicas, o que fecha um ciclo onde todos estão dispostos a vivenciar e contribuir com uma experiência inovadora dentro de um ambiente educacional tradicionalista.

3.4. A importância do espaço do núcleo na escola: a sala do NEPAG

O espaço escolar, além de respeitar os requisitos legais que tratam sobre higiene, iluminação e acessibilidade, deve ser um ambiente onde os alunos se sintam acolhidos, respeitados e motivados, e assim possam se desenvolver com autonomia.

De acordo com Ribeiro (2004, p.105) o espaço escolar é um constructo gestado por múltiplos interesses manifestos e ocultos, que podem afetar a vida dos sujeitos, gerando inclusões e exclusões, sendo um elemento significativo do currículo, inclusive na sua concepção de currículo oculto, ou seja, o conjunto de normas e valores que, embora não estejam explícitos, são, efetivamente, transmitidos pela escola. O espaço escolar deve compor um todo coerente, pois é nele e a partir dele que se desenvolve a prática pedagógica, podendo constituir um espaço de possibilidades ou de limites. Tanto o ato de ensinar como o de aprender exigem condições propícias ao bem estar docente e discente.

Um grupo de pesquisa em qualquer tipo de instituição precisa de um espaço para desenvolver seus projetos, ou seja, uma sala ou laboratório para experiências, atividades e sociabilização de seus membros. O NEPAG ocupa, desde março de 2013, uma sala pequena com 3 computadores onde os membros trabalham e 1 armário onde são guardados os equipamentos do grupo.

A “sala do NEPAG”, como os alunos membros a denominam, é um espaço onde eles se sentem à vontade para conversar sobre os projetos, produzir materiais, estudar, consultar a Internet ou simplesmente ouvir música em seus fones de ouvido ou ler um livro.

Esse espaço é muito importante para os alunos membros no sentido de ser uma parte do espaço escolar em que eles possuem uma privacidade que os outros não conseguem ter em uma escola com mais de mil alunos por turno. Essa privacidade não significa um esconderijo, ao contrário, toda a comunidade escolar sabe da localização da sala e sua porta nunca está trancada, mas ali eles podem ter momentos de reflexão e de exercitar sua criatividade sem a pressão por uma avaliação de uma disciplina. Nesse espaço eles podem desenvolver seus roteiros, jogos, edições, leituras e outras atividades sem julgamentos, pois ali, juntos, eles fazem parte de um grupo com uma forte identidade, onde podem ser sinceros uns com os outros.

Um outro aspecto que cabe destacar é o aumento da concentração dos alunos membros nas pesquisas desenvolvidas pelo grupo. No início da criação do NEPAG não

tínhamos uma sala própria, ficávamos vagando pela escola buscando salas disponíveis, o que muitas vezes causava dispersão e distração. Schuurman (2013, p. 371) afirma que a distração é a marca do nosso novo padrão de aprendizagem, e isso ficava claro quando em todos os encontros, até todos nos reunirmos e nos concentramos, perdíamos muito tempo. As dificuldades para se trabalhar com 16 alunos de 13 a 15 anos eram enormes pois eles se dispersavam em seus celulares, tablets ou notebooks. Com a sala do NEPAG, todos sabem onde e quando se encontrar.

Para evitar que os estudos que temos que fazer juntos não sejam superficiais e gerem discussões simplistas no grupo, como segundo Schuurman (2013, p. 372) já vem ocorrendo até mesmo na produção acadêmica atual, proponho leituras ou pesquisas em dupla, na qual um aluno tira dúvidas do outro. Essas atividades em dupla só são possíveis no espaço do grupo, pois eles moram longe um do outro, alguns não possuem internet banda larga em casa. Na escola, mesmo na biblioteca, essas atividades são comprometidas pela distração gerada por colegas, pelo espaço nem sempre disponível e por barulhos.

3.5. Os recursos materiais para o núcleo

Um grupo de pesquisa, além do espaço onde possa ter a privacidade para se concentrar e estudar, necessita de um mínimo de equipamentos para realizar suas pesquisas. Cada tipo de pesquisa demanda materiais específicos e no caso do NEPAG, que lida com audiovisual, necessitávamos de câmeras, tripés, gravadores de som, computadores com capacidade de processamento para edição e tablets. Essas ferramentas de nível profissional que necessitávamos possuem um custo alto para os alunos de escola pública. Como então ter acesso a essas ferramentas audiovisuais?

Para ter acesso a esses materiais solicitamos em 2012 à Direção Geral do Colégio Pedro II, que concentra as questões financeiras da instituição, a compra de equipamentos e também bolsas de pesquisa para os alunos. A direção nos respondeu que a instituição não estava inscrita em programas de bolsa de Iniciação Científica Júnior e que o processo para compras de equipamentos deve ser feito a partir de licitações públicas, que demoram vários meses para serem efetivadas.

Com a ajuda de meu orientador no Doutorado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Professor Doutor Hindenburgo Francisco Pires, nos inscrevemos e fomos selecionados em um projeto de edital da *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro na busca de recursos materiais e bolsas de estudos para os alunos*.

Esses recursos foram fundamentais para o desenvolvimento do “Projeto Transmídia Trânsito Carioca”, pois necessitávamos de bons equipamentos para nossas filmagens,

produção de jogos e Podcast. Nosso primeiro curta foi filmado com celulares e câmeras digitais pequenas e obteve um grande sucesso pedagógico, mas no novo projeto necessitávamos de um equipamento mais robusto, que proporcionasse imagens e sons de maior qualidade.

4. MUDANÇA NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

A criação de um grupo de pesquisa em uma escola de Ensino Básico composto por alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio envolve grandes desafios. Entre esses desafios está uma mudança na mediação pedagógica em uma instituição tradicional como o Colégio Pedro II.

A primeira mudança que podemos destacar é em relação à centralidade da sala de aula no processo de ensino aprendizagem. O NEPAG é um grupo de pesquisa externo à sala de aula, ou seja, não estão envolvidas avaliações, presenças, conteúdos programáticos ou um tempo determinado para se trabalhar. O trabalho que realizamos se estendem para fora do espaço escolar, se estende até o ciberespaço. Nossa interação pela Internet é tão forte quanto a interação presencial através de e-mails e redes sociais, especificamente o Facebook.

Leite (2008, p. 75) afirma que é possível interagir via Internet por meio de quatro tipologias de rede: a rede vertical onde apenas se consome o conteúdo; a rede horizontal direta sem alteração de conteúdo original, onde se consome o conteúdo e também é permitido comentar; a rede horizontal indireta com ou sem alteração de conteúdo original, onde usuários podem criar blogs e comunidades; e a rede com alteração de conteúdos original, onde o usuário pode alterar o conteúdo. Essas opções de interação devem ser levadas em conta no trabalho do professor, que precisa mostrar aos seus alunos como ler de forma crítica esses conteúdos e produzir materiais com seus alunos formando não apenas consumidores críticos, mas também produtores de conteúdos, que é o que buscamos no NEPAG.

Outra mudança é a criação de uma rede descentralizada de relacionamentos, onde o professor deixa de ser o detentor de todo o conhecimento para ser um proponente de ideias ou um filtro confiável no ciberespaço, e é constantemente estimulado pelos alunos através de suas dúvidas e questionamentos sobre os temas que vão se desdobrando nas discussões. No NEPAG os alunos membros tem o mesmo espaço do professor para expressar suas ideias, propor novos projetos e mudanças nos que estão em andamento, e isso se faz de forma presencial ou pela Internet. Todos aprendem que as opiniões divergentes devem ser ouvidas e respeitadas para que um trabalho colaborativo seja desenvolvido de forma adequada. Todos são estimulados a estudar os projetos desenvolvidos pelos outros membros. Um aluno está desenvolvendo um jogo como ferramenta pedagógica? Todos são estimulados a jogar e dar suas sugestões para a melhoria da ferramenta.

Existe a motivação para os alunos se organizarem fora da sala de aula ou até mesmo de forma externa à escola, buscando eventos em que podem participar, pessoas para entrevistar para os filmes ou mesmo espaços onde possam tirar fotografias, filmar ou acessar em espaços virtuais. A presença, dessa forma, não se estende como uma mera ocupação física de um espaço por um corpo, e sim, segundo Cabral (2012, p. 202), “como a manifestação concreta de um território, um lugar marcado pela radicalidade humana, que leve o indivíduo à aprendizagem da espera, à moderação da vontade ativista, a libertação de si mesmo por progressiva desidentificação frente às injunções puramente tecnológicas.” O NEPAG, dessa maneira, expande as fronteiras e os limites de onde os alunos podem chegar.

Outro fator que vale destaque, e que gera surpresa em quem visita a sala do NEPAG sem conhecer nossa forma de trabalho, é a presença não-obrigatória dos alunos membros. O trabalho que realizamos não está vinculado a nenhuma avaliação em termos de notas ou cobrança de presença como já mostramos anteriormente. Já ouvi muitas vezes a mesma pergunta: o que esses alunos ganham participando do NEPAG já que não vale nota e nem ganham bolsas de estudo permanentemente? Essa pergunta mostra uma visão da escola completamente ultrapassada no meu entender, uma escola ainda presa a uma postura em que o aluno é um mero receptor de conteúdos que decora ou aprende alguma coisa com o objetivo de passar de ano. Não é assim que pauto meu trabalho. É assim que luto para poder ensinar da forma como acredito ser a mais condizente com o contexto atual do mundo.

5. CONCLUSÃO

Atualmente atravessamos um momento de transição na educação no Brasil e no mundo. Essa transição está relacionada a uma mudança na atuação do professor dentro e fora da sala de aula. Não faz mais muito sentido uma relação entre os alunos e professores na qual o professor se posiciona como o detentor do monopólio do saber, ou um transmissor de conhecimentos. A troca de experiências e o diálogo numa relação de reciprocidade devem ser valorizadas pelo professor que assim irá estimular o aluno a pensar, participar e se desenvolver. Foi com essa perspectiva que o NEPAG foi criado.

No NEPAG o professor seria um “filtro confiável” para os alunos em suas pesquisas, estendendo para outros espaços a aprendizagem, que se faz de forma colaborativa utilizando a tecnologia disponível de forma criativa, superando as dificuldades técnicas que se apresentam em uma escola pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O impacto que o grupo gerou no Colégio Pedro II foi enorme tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista administrativo. Mostramos que alunos podem produzir materiais didáticos de alta qualidade, reconhecidos externamente através de

premiações e reportagens, por exemplo. Administrativamente foi provado que é possível desenvolver projetos de Dedicção Exclusiva onde os professores estudem e reflitam, junto com os alunos, sobre o trabalho pedagógico que é desenvolvido.

Estudar a escola de “dentro para fora” significa muito mais do que observar comportamentos, aplicar questionários ou analisar quantitativamente as notas dos alunos. Significa compartilhar o conhecimento a partir da escola, junto aos alunos, que assumem um papel de destaque na produção de pesquisas e materiais didáticos. É essa inovação que o NEPAG propõe ao se firmar como um grupo de pesquisa dentro de uma escola de Ensino Básico.

6. BIBLIOGRAFIA

- Bergala, Alain. *La Hipótesis Del Cine: Pequeño tratado sobre la transmisión del cine en la escuela y fuera de ella*. Barcelona, Laerte ediciones. 2007 p. 206.
- Brafman, Ori, & Beckstrom, Rod. *A Estrela-do-Mar e a Aranha: O fenômeno da descentralização e o potencial das organizações sem líder*. Editorial presença. 2008. 184 p.
- Cabral, Muniz. . *Reinventando a educação - diversidade, descolonização e redes*. 518. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda, 2012. v. 1. 279 p.
- Cain, Susan. *O poder dos quietos*. São Paulo: Editora Agir, 2013. 334 p.
- Capel, Horácio. *La enseñanza digital, los campus virtuales y la Geografía*. Barcelona: In: *Revista Ar@cne Revista electrónica de recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales*. [En línea. Acceso libre]. Barcelona, Universidad de Barcelona, 2009. <http://www.ub.es/geocrit/aracne/aracne-125.htm> Acesso em 18/01/2013.
- Guimarães, I. V. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de Geografia. In: Albuquerque M.; Ferreira, J. (Org.). *Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão*. 1ed. João Pessoa: Editora Mídia, 2013, v. 1, p. 219-240.
- Jenkins, Henry. *Convergence? I Diverge*. *Technology Review*, 2001 In:<http://www.technologyreview.com/article/401042/convergence-i-diverge> Acesso em 18/01/2013.
- Jenkins, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008. 386 p.
- Leite, L. S. *Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo*. In: Freire, W. (Org.). *Tecnologia e Educação. As mídias na prática docente*. 1aed. Rio de Janeiro: Wak Editores, 2008, v. 1, p. 61-78.
- Lévy, Pierre. *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na área da informática*. São Paulo: Ed. 34, 2002. 208p.

- Murphy, E. Recognising and promoting collaboration in a online asynchronous discussion. *British Journal of Edutional Technology*, 35(4), 2004, pp. 421-431.
- Pires, H. F. Redes Sociais Colaborativas e Geografia em Rede: As novas formas de apropriação do conhecimento social no Século XXI. Terra Livre Nº 34. São Paulo, v. V.1, p. 17-36, 2010. In: http://www.agb.org.br/files/TL_N34.pdf
- Pitler, Howard J. Viewing Technology Through Three Lenses. 2006. In: <http://www.naesp.org/resources/2/Principal/2006/M-Jp38.pdf> Acesso em 21/12/2013
- Ribeiro, S. L. Espaço escolar: um elemento (in)visível no currículo. *Sitientibus*. Feira de Santana, n. 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.
- Setton, Maria da Graça. *Mídia e Educação*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. v. 1. 126p.
- Sharda, Nalin. Using Storytelling as the Pedagogical Model for Web-Based Learning in Communities of Practice. In, *Web-Based Learning Solutions for Communities of Practice: Developing Virtual Environments for Social and Pedagogical Advancement*. Hershey: IGI Global. 2010.
- Schuurman, N. Tweet Me Your Talk: Geographical Learning and Knowledge Production 2.0. *The Professional Geographer* Volume 65, Issue 3. 2013.